

OB LSO LE TOS

LUCIANO MARTINS COSTA

AMOSTRA



1 . MILAGRES ACONTECEM?

Havia boas razões para me sentir privilegiado naquela noite: acomodado numa das poltronas dianteiras do jato mais moderno do mundo, um Douglas DC-8 recentemente adquirido pela Panair do Brasil, eu tinha noção do que significava estar a caminho de um congresso de juristas na Suíça. Aos trinta anos, não era considerado propriamente um jurista, mas sabia que meu caminho profissional estava definido. Minha mãe, de família tradicional com antepassados devidamente reconhecidos entre a elite brasileira apesar de casada com um imigrante, garantia meu acesso ao topo do mundo. Eu frequentava desde sempre os melhores lugares de São Paulo e do Rio, o que completava a sensação de pertencer à casta dos bem-sucedidos por direito de nascença – tinha até minha própria toga, reservada por um avô desembargador.

Nunca fui homem banal: ao contrário de muitos de meus parceiros de tênis e da advocacia, abominava a boa-vida, apenas recebia com naturalidade o que julgava resultado de uma conjunção de casualidades que me haviam colocado naquele lugar, naquelas circunstâncias. Era estudioso do filósofo brasileiro Huberto Rohden, cujas obras me impressionavam desde o primeiro ano da faculdade.

Nesse período, já me considerava um pacifista, certamente impactado pelas lembranças recentes da Segunda Guerra Mundial, e tentava conciliar o pensamento cartesiano que predominava no curso de Direito com as ideias espiritualistas de Rohden.

Talvez por ser, como se dizia, um homem lhano e afável, não me aborreci quando a aeromoça me abordou para trocar de lugar com um casal que levava numa cestinha um bebê de oito meses: aqueles assentos eram mais espaçosos e próximos dos sanitários e seriam mais convenientes para a jovem família. Mudei-me para uma fila na parte de trás, junto à janela do lado direito, de onde também poderia usufruir da bela visão das luzes da baía da Guanabara.

Pouco antes das 22 horas, o comandante informou que a decolagem estava autorizada pela torre, que partiríamos com trinta minutos de atraso mas as condições meteorológicas prometiam boas chances de chegarmos ao destino no tempo esperado. O voo 026, partindo de Buenos Aires na tarde daquela segunda-feira, 20 de agosto de 1962, tinha feito uma parada técnica em Campinas. A decolagem do aeroporto do Galeão, no Rio, era a etapa seguinte do trajeto que incluía Dakar, Lisboa, e finalmente Paris, onde eu pretendia descansar por uns dias – flunar, como se diz, antes de seguir para o compromisso na Suíça. Tinha apanhado na entrada do avião um exemplar do *Jornal do Brasil*, que trazia informações sobre o tremor de terra que havia abalado alguns bairros do Rio dias antes, e talvez por isso estava um pouco apreensivo.

O enorme avião, prefixo PP-PDT, batizado como “Bandeirante Brás Cubas”, era motivo de orgulho da aviação nacional. Numa época em que poucos brasileiros podiam se dar o luxo de viajar num aparelho daqueles, seus pousos e decolagens atraíam multidões ao aeroporto, onde centenas de famílias tinham como ponto alto do lazer nos finais de semana tomar um lanche e admirar gigantes como aquele, sonhando um dia poder cruzar os céus num dos tais palácios voadores. Mas eu estava habituado às viagens aéreas, porque nosso escritório tinha muitos clientes com negócios na Europa e nos Estados Unidos e minha especialidade exigia que comparecesse com frequência a congressos de direito internacional e relações multilaterais. Era figura conhecida no Banco Mundial, nos escritórios da ONU e nas sedes de grandes empresas estrangeiras que faziam negócios com o Brasil. Quase vinte anos após o fim da guerra, as nações ainda reorganizavam seus protocolos diplomáticos e ajustavam suas legislações à nova ordem mundial.

Acedi sem hesitar ao pedido da aeromoça – sim, era assim que se chamavam as comissárias de bordo em meados do século 20 – como uma circunstância natural. A condição de privilegiado fazia com que gente como eu mantivesse uma relação de harmoniosa cumplicidade com as tripulações dos aviões e cada um de nós sabia reconhecer os neófitos daquele mundo da aviação, então restrito a poucos. Dobrei o jornal, apanhei minha bagagem de cabina e calmamente segui para o lugar que me fora indicado.

Pouco depois, o “Brás Cubas” rolava na pista, e enquanto observava passar cada vez mais veloz a silhueta do aeroporto, me ocorreu que estava a bordo de um aparelho voador que pesava mais de 150 toneladas, e sempre me advinha certa dificuldade para entender como aquele monstrengo subia e se sustentava no ar por mais de dez horas, nas viagens transoceânicas. Em segundos, derivei para a referência a outro Brás Cubas, não o bandeirante, mas o personagem de Machado de Assis, que num fenômeno literário genial vem à luz para falar de sua própria morte e da vida que lhe coube. “Ao verme que primeiro roeu as frias carnes do meu cadáver dedico como saudosa lembrança estas memórias póstumas” – essa é a frase inicial da obra, que li uma dezena de vezes desde a adolescência.

Nesse momento, minhas digressões foram interrompidas por um forte solavanco, e tudo a partir daí se transformou num turbilhão. Instintivamente, ao me dar conta de que o avião estava perto do final da pista e não dava sinal de decolar, estendi os braços para a frente e abaixei o tronco até colocar a cabeça entre os joelhos. Então senti que o aparelho se desviava para a direita e seguiu sacolejando pelo terreno irregular fora da pista, até que pareceu finalmente suspender-se no ar. Ouviam-se gritos nervosos, mas eu apenas cerrei os dentes e levantei a cabeça para tentar entender o que acontecia. Pude ver os tanques do depósito de combustíveis passando rapidamente, depois notei que o avião voava baixo sobre a avenida beira-mar e

por um instante achei que ia decolar. Mas o DC-8 apenas seguiu em linha reta e se chocou com a massa da água.

Senti o choque do meu rosto contra a fuselagem, seguido de uma dor lancinante no olho direito. Em estado de choque, apenas me dei conta de que tinha sido atirado para fora quando meu corpo mergulhou na água. As luzes de emergência não se acenderam, mas o fogo do combustível que começava a se alastrar pela superfície do mar, envolvendo o avião, permitia vislumbrar os vultos de outras pessoas que tinham conseguido saltar ou foram lançadas para fora. Algumas gritavam, outras tentavam nadar ou flutuar para longe das chamas.

Eu não saberia calcular quanto tempo levei para me afastar na direção do que parecia ser um grupo de árvores. Percebi, olhando contra a luz das chamas, que quase ao meu lado uma mulher boiava graças à roupa que usava, um vestido estilo “balloon”, vermelho. Ela se debatia tentando se agarrar a mim, e instintivamente lhe dei um soco na testa, fazendo-a desfalecer. Tratei de puxá-la para mais perto e a mantive com o rosto fora da água, tentando resistir à tremenda dor na cabeça e buscando me manter à tona, recuperar o fôlego e raciocinar melhor. Mas, ao estender o braço esquerdo, minha mão se enroscou num tecido que parecia um cachecol e o segurei firmemente, sem saber por quê. Apenas o agarrei junto com o vestido da mulher.

Senti imediatamente uma vontade extrema de viver, e me lancei para a frente, ainda segurando o cachecol e o

vestido vermelho, impelindo meu corpo na direção das árvores e do reflexo de luzes que demarcavam o traçado da avenida beira-mar. Alcancei um galho, agarrei-o, e quando puxei o cachecol senti que estava preso a algum objeto flutuante, mas não consegui identificar o que seria aquilo. Em alguns minutos que me pareceram intermináveis, ouvi vozes e me dei conta de que pequenos barcos de pesca se aproximavam do avião, que ainda flutuava parcialmente. “Aqui, estou aqui!”, gritei.

Quando o primeiro barco se aproximou e recolheu a mulher, percebi que eu estava agarrado a um cestinho com um bebê dentro. Ele não chorava, parecia dormir. Estaria morto? Em segundos notei que se mexia e murmurava.

– Vejam, tem um bebê aqui – gritou um dos pescadores, e sua voz pareceu despertar a criança. “É um menino”, pensei. Imaginei, claro, que poderia ser o filho do casal com quem havia trocado de lugar, porque não tinha visto nenhum outro bebê a bordo. Ao mesmo tempo, minha mente racional não aceitava a hipótese de tamanha coincidência. Naquela época, ainda um neófito em assuntos esotéricos, era difícil aceitar que o acaso tinha colocado aquelas duas vidas em minhas mãos.

A dor na cabeça me torturava, tateei o ferimento com as costas da mão e me pareceu que meu olho direito tinha saltado para fora da órbita. Mas a presença da criança, firmemente segura contra meu peito, me dava a certeza de

que estava protagonizando um milagre. Decidi naquele momento que não morreria ali e que aquele bebê faria parte do resto da minha existência. O destino, ou o que seja, colou sua vida à minha.

Bombeiros tinham se juntado aos pescadores no resgate dos passageiros, recolhendo pessoas que ainda flutuavam e retirando outras que tentavam sair do avião. Eram dezenas, e eu vi os vultos agitando os braços para chamar a atenção, mas me concentrei apenas em sair dali com a criança. Quando me puseram no fundo de uma embarcação, desmaiei de dor, mas mantinha a mão sobre o berço.

Ainda pude sentir que alguém colocou um apoio sob minha cabeça e sussurrou:

– Você salvou duas vidas.

...

Então, as imagens e os sons foram se apagando contra a parca luz que vazava para dentro do quarto. Não estava num hospital, não sabia onde me encontrava, a dor de cabeça havia desaparecido e eu tinha a sensação de estar flutuando.

Estava ainda impactado pelas emoções daquele sonho prodigioso quando ouvi o estrondo dos trovões. Então, despertei, abri os olhos e lembrei que havia uma previsão de chuvas fortes no litoral norte de São Paulo, virei de lado e notei que lá fora estava escuro, a noite sendo rasgada de vez em quando pelos relâmpagos. Enquanto o sono voltava a me

entorpecer, lembrei que não sou nem nunca fui advogado.

Antes de me entregar novamente ao sono, disse para mim mesmo: sou um ator aposentado, estou na minha casa da praia no litoral norte de São Paulo, nunca estive num desastre de aviação. E no pouco tempo de racionalidade que tive antes de apagar, me ocorreu que tinha lido sobre aquele acidente décadas antes. Eu estava no Rio na ocasião, 20 de agosto de 1962, acompanhei a agitação que o acidente causou por vários dias, mas não saberia dizer de onde vieram todos aqueles detalhes que vivenciei no sonho. Deixei para pensar nisso mais tarde, mas uma imagem adicional invadiu o que restava da minha vigília: três homens vestindo macacões da Aeronáutica caminhavam para baixo da asa do avião, manipulavam suas ferramentas e se retiravam. Uma ideia macabra me ocorreu: o aparelho tinha sido sabotado. Mas eu tinha certeza de que essa hipótese não estava presente em minhas lembranças – era como se alguém quisesse me contar alguma coisa.

2 . MATÉRIA DE SONHO

Não vejo no espelho um homem idoso. Mais perto dos 100 anos que dos 90, praticamente tudo que é físico me dói, mas nesta manhã estou leve. Fazia tempo que um novo dia sempre se iniciava como o prenúncio de aborrecimentos intermináveis, mas não nesta manhã. Estava tão absorto que me esqueci de fazer a breve meditação do despertar. Apenas olhava o reflexo do meu rosto no espelho e lembrava a longa madrugada que se insinuava quando acordei no meio da agitada noite de sonhos intensos.

Se não tivesse despertado naquele momento, não teria assistido o irromper da madrugada, espetáculo que raramente contemplava. Não é apropriado dizer isso, pois a madrugada não irrompeu, foi se impondo aos poucos porque é de sua natureza absorver a noite para dentro de si, como um parto ao contrário, um contraparto, ao som do jogral de galos da vizinhança, até engolir a escuridão. Ou seria mesmo uma troca, o nascimento do dia? Essas indagações sem propósito me distraíam quando notei que meu olho direito estava arroxeadado e doía bastante, como se tivesse levado um soco. Mas nesse momento, entre o sono e o despertar, o misterioso sonho cinematográfico se diluía de minha memória e só voltaria à consciência em lampejos, tempos depois.

Sei que passei por intensas aventuras ao longo da noite, mesmo com a máscara presa ao meu rosto, para evitar a apneia do sono, ou talvez por causa do sono mais profundo que ela me proporciona. Posso dizer que, depois do sonho da queda do avião, boa parte das imagens e sensações que se seguiram estava ligada às dezenas de páginas de poesia que li no dia anterior. São meu material de trabalho, os poemas, e sei há muito tempo que a poesia é a matéria dos sonhos, ou vice-versa. Mas o sonho que ocupou mais meu tempo, ou que me impressionou naquela madrugada, nada tinha a ver com poemas. Era como um filme de tragédias aéreas, e me veio com tal precisão que poderia acrescentar: o avião não decolou porque alguém devidamente autorizado a entrar na pista tinha “errado” a regulagem do estabilizador horizontal em quatro graus negativos, em vez do correto, três graus positivos.

Teria sido um atentado terrorista? Até despertar completamente, ideias como essa pipocavam em minha mente. Eu até sabia o nome do piloto principal, Lacerda, o modelo, o prefixo do avião, e o nome com que o haviam batizado: “Brás Cubas”. Não me custou desvendar rapidamente o mistério por trás daquele sonho: eu tinha lido tudo aquilo numa revista chamada “O *Cruzeiro*”, mais de 60 anos antes. O mais curioso era: como a minha mente, que vivia carregada de poemas, conseguiu reconstruir em detalhes o conteúdo de uma reportagem que eu tinha lido na juventude? E por que razão me colocou no meio da cena, como protagonista central de uma tragédia que realmente

tinha acontecido? Seria uma reação ao excesso de fantasia poética em que vivia imerso? Ainda meio dormindo, voltei para a cama e decidi que pensaria nisso mais tarde, quando estivesse completamente desperto. Era muita coisa para aquela manhã.

Então adormeci novamente, até que os sons da natureza bruta me despertaram, ao alvorecer. Chovia muito. Ainda deitado, assisti, de minha janela voltada para o mar, o lento mas inexorável avanço da luz solar para dentro da noite, e comecei a recordar os sonhos que se seguiram àquele do acidente aéreo. Alguém ainda lembraria o nome de alguma vítima? Talvez aquela lista repousasse na gaveta de uma escrivaninha de alguém que perdeu um antigo amor e mal se recorda de suas feições. Vida que segue, mas o que teria sido a vida daquela criança, que, segundo a relação oficial dos mortos, tinha se afogado junto com seus pais? Haveria, em algum recanto do cosmos, um universo paralelo em que aquele bebê estaria vivo, agora adulto, como um filho adotivo de outro eu? Algum dia, o acaso nos levaria a um reencontro?

No meio dessas conjecturas, ainda sonolento, ouvi o estrondo dos trovões. Uma tempestade de verão parecia encerrar com seu espetáculo de luzes e ventos a noite chuvosa. Eu gosto de tempestades. Adoro Shakespeare, e a obra preferida é *A Tempestade*, que um dia encenei num grupo de jovens atores. Eu era Prospero, o rei da ilha mágica, e foi aí, justamente nesse período, ainda muito moço, que

comecei a me interessar por poesia. Pra mim, essa era uma obra poética. Anos depois, me isolei numa chácara no interior de São Paulo, com a obra completa de Shakespeare, algumas traduções e o dicionário Oxford. Só voltei pra casa e pro trabalho depois de ter lido todas as peças e poemas.

Talvez por essa devoção ao fragor dos ventos e trovões, voltei a dormir, apesar dos estrondos. O sonho “realista” desapareceu totalmente de minha mente, só voltando à lembrança anos depois, quando comecei a escrever este relato. Essa orquestra da natureza me conduziu de volta à fantasia e me vi diante do oceano, agora calmo e sereno, onde, lá no horizonte, balançava ao sabor das ondas um pequeno veleiro.

Ainda estava noite lá fora. Escuro demais para aquela hora matutina, pensei. Ou imaginei, naquela zona mortíça entre a noite de sono e a vigília. É em estados como esse que geralmente me ocorrem as ideias para os recitais de poesia que são minha razão de viver. Gosto de pensar que, enquanto for capaz de declamar um poema estarei vivo, plenamente senhor de minha consciência. Mas a lembrança que tenho não remete a algum poema conhecido, ou de que me recorde com segurança: “Vi, como o grego, as cidades dos homens,/os trabalhos, os dias de vária luz,/a fome;/não corrijo os fatos, não falseio os nomes,/mas le voyage que narro é... autour de ma chambre”. Não sei por que, me parece Fernando Pessoa, com uma citação final de Baudelaire, me esforço mas não consigo consolidar essa suposição.

Um relâmpago espouca lá fora e minha mente se volta para o interior do texto cujo fragmento tinha invadido minha semi-inconsciência. Deitado de lado, vejo uma fresta do ambiente lá fora, por onde se infiltram os lampejos intermitentes, e recordo que os versos são uma citação de Borges em seu conto *O Aleph*. A primeira linha era uma referência a Homero, a segunda certamente *Os trabalhos e os dias*, de Hesíodo, mas é o toque final de Baudelaire, no momento em que o quarto é iluminado por um raio poderoso e prolongado, que me desperta completamente. Um truque do mago Jorge Luís Borges, a nos fazer crer que outro alguém escreveu aquilo.

A viagem a que me remete o universo em conflagração é ali mesmo, ao redor do meu quarto. Mas não é originalmente Baudelaire. *A Viagem ao redor do meu quarto* é a curiosa obra do também francês Xavier de Maistre, que, se não me engano, nasceu muito antes. Contra minha vontade, acabo me perdendo nessa digressão, quando meu desejo era seguir navegando naquele mar de poemas que se havia iniciado com o pequeno e frágil veleiro a singrar o oceano ali em frente. Entendo que essa ideia de viajar em torno de si mesmo é uma espécie de código para o ingresso em um estado de consciência alterado, a desejada iluminação.

Tenho essa memória clássica, resultado de muitas visitas clandestinas à biblioteca do meu pai. Mas são referências infantis, que não fazem de mim um erudito. Li o que me caiu às mãos como lê uma criança, ou um

adolescente, quase sempre sem compreender, embalado pelo ritmo das palavras, pela sonoridade que produzem, sem atentar para os significados mais profundos. Talvez por isso, adquiri esse encantamento pela poesia.

Tento me concentrar na ideia do *Aleph*: um ponto mágico de onde enxergar o universo, sem estar, como Brás Cubas, na derradeira viagem dentro do quarto de sua agonia final. Não sobre o lombo de um hipopótamo, mas na réstia que entra por uma fresta da janela, como uma cortina que, em vez de esconder, revela os segredos do mundo. Jorge Luís Borges foi quem melhor penetrou, ou quem mais corajosamente se deixou levar para essa zona incerta da existência, mas não o único. Fernando Pessoa, em seus desassossegos, o brasileiro Carlos Drummond de Andrade, nas *Máquinas do mundo*, são exemplos em que o poeta abdica da segurança que tem ao conduzir seu rebanho de palavras e se entrega à magia de ser conduzido por elas. Deixa de ser o pastor de versos, se incorpora a eles.

Ainda não sabia, no raiar daquela manhã, mas no meu caminho estaria um poeta em seu momento mágico, alguém que aceitara o chamamento de se transportar para dentro da poesia, transformando-se em autor e personagem, em poeta e poesia. Ele se encontrava muito perto dali, daquela casa fíncada numa das mais severas tempestades que eu já tinha conhecido. Soubesse, talvez acreditasse que, avançado em idade, a vida ainda iria me propor alguma nova maravilha.